

O último escritor feliz*

Roland Barthes

Tradução de Juliana Bratfisch

O que temos em comum, hoje em dia, com Voltaire? De um ponto de vista moderno, sua filosofia está fora de moda. É possível acreditar na estabilidade das essências e na desordem da história, mas não do mesmo modo que Voltaire. Em todo caso, os ateus não se jogam mais ao pé dos deístas, que aliás nem existem mais. A dialética matou o maniqueísmo e raramente falamos sobre a Providência. Quanto aos inimigos de Voltaire, desapareceram ou se transformaram: não há mais os jansenistas, os socinianos; os leibnizianos; os jesuítas não se chamam mais Nonotte ou Patouillet.

Eu iria dizer: não há mais inquisição. É falso, claro. O que desapareceu foi o teatro da perseguição, não a perseguição em si: o *auto-da-fé* tornou-se mais sutil como operação policial, o açougueiro no campo de concentração, discretamente ignorado por seus vizinhos. Por isso, os números puderam mudar: em 1721, nove homens e onze mulheres foram queimados nos quatro fornos de gesso em Granada e, em 1723, nove homens em Madri, para a chegada da princesa francesa: é certo que eles se casaram com suas comadres ou comeram toucinhos na sexta-feira. Repressão horrível cujo absurdo sustenta toda obra de Voltaire. Contudo, de 1939 a 1945, seis milhões de homens, entre outros, morreram nas torturas de deportação, porque eram judeus, eles, ou seus pais, ou seus avós.

Não temos um só panfleto contra isso. Mas talvez isso ocorra, precisamente, porque os números mudaram. Por mais simplista que pareça, há uma proporção entre a leveza da arma voltairiana (*bagatelas, ninharias portáteis, foguetes voadores*) e o caráter esporádico do crime religioso no século XVIII: quantitativamente limitado, o açougueiro se tornava um princípio, isto é, um alvo: vantagem enorme para aquele que luta contra:

* [N.T.] “Le dernier des écrivains heureux” foi publicado originalmente como prefácio de um volume reunindo os romances e contos de Voltaire e faz parte da coletânea de artigos reunidos por Roland Barthes em *Essais Critiques* (1964). No Brasil, a Editora Perspectiva publicou, no volume *Crítica e Verdade* (1970), o texto integral de *Critique et Vérité* (1966), precedido de uma seleção dos artigos reunidos em *Essais Critiques* e “O último escritor feliz” é um dos artigos excluídos nessa seleção brasileira; em Portugal, as Edições 70 publicaram a edição integral já em 1977, sendo os tradutores dos *Ensaíes Críticos* António Massano e Isabel Pascoal. Neste texto, Barthes está interessado na relação entre o escritor e a História e, ao afirmar que Voltaire foi um dos últimos escritores que pode excluí-la de seus escritos imobilizando o mundo representado em sua literatura, atenta para a responsabilidade do escritor moderno, mas também para sua inevitável angústia diante da impossibilidade de responder diretamente ou se esquivar dessa responsabilidade.

esse é um gesto que produz escritores triunfantes. Pois mesmo o grande número de crimes racistas, sua organização pelo Estado, as justificações ideológicas que usamos para encobri-los, tudo isso leva o escritor de hoje bem além do panfleto, exige dele mais uma filosofia do que uma ironia, mais uma explicação do que um estranhamento. Desde Voltaire, a história se fechou numa dificuldade que destrói toda literatura engajada, desconhecida por Voltaire: *não há liberdade para os inimigos da liberdade*: ninguém pode mais dar aula de tolerância a ninguém.

Em resumo, o que talvez nos separe de Voltaire é que ele foi um escritor feliz. Ninguém melhor que ele deu à luta contra a Razão um ar de festa. Tudo era espetáculo em suas batalhas: o nome do adversário, sempre ridículo; a doutrina combatida, reduzida a uma proposta (a ironia voltairiana é sempre a evidência de uma *desproporção*); a profusão de tiros acertando todas as direções, a ponto de parecer um jogo, o que prescinde de todo o respeito e de toda piedade; mesmo a mobilidade do combatente, aqui disfarçada sob mil pseudônimos transparentes, fazendo de suas viagens pela Europa um tipo de comédia de fuga, uma trapaça perpétua. Pois os desfechos de Voltaire e do mundo são não apenas um espetáculo, mas um espetáculo superlativo, denunciando-se a si mesmo como espetáculo, como faz o polichinelo que Voltaire apreciava muito desde o teatro de marionetes em Cirey.

A primeira felicidade de Voltaire foi sem dúvida aquela de seu tempo. É preciso entender: esse tempo foi muito duro e Voltaire falou de seus horrores em diversos lugares. Entretanto, nenhuma época ajudou tanto o escritor, nem lhe deu mais a certeza de lutar por uma causa justa e natural. A burguesia de que Voltaire é proveniente já ocupava grande parte das posições econômicas; presente nos negócios, no comércio e na indústria, nos ministérios, nas ciências, na cultura, ela sabia que seu triunfo coincidia perfeitamente com a prosperidade da nação e com a felicidade de cada cidadão. Ela tinha ao seu lado a potência virtual, a certeza do método, a herança ainda pura do gosto; diante dela, contra ela, tudo o que um mundo em agonia pode espalhar de corrupção, de estupidez e de ferocidade. Já era uma grande felicidade, uma grande paz combater um inimigo tão condenável. O espírito trágico é severo porque ele reconhece, por obrigação de natureza, a grandeza do adversário: Voltaire não teve o espírito trágico: ele não teve que competir com nenhuma força viva, nenhuma ideia, nenhum homem que o instigasse seriamente a pensar (exceto o passado: Pascal, e o futuro: Rousseau; mas ele escondeu ambos): jesuítas, jansenistas ou parlamentos foram grandes corpos fixos, esvaziados de toda inteligência, apenas cheios de uma intolerável ferocidade para com *o coração* e *o espírito*. A autoridade, mesmo em suas manifestações mais sangrentas, não era mais que um cenário; bastava que um homem batesse os olhos nessa mecânica para que ela entrasse em colapso. Voltaire soube ter esse olhar esperto e sutil (*O próprio coração de Zaïre*, diz Madame de Genlis, *estava nos olhos*), cujo poder de ruptura foi levar a vida em meio a estas grandes máscaras cegas que ainda mandavam na sociedade.

Era, na verdade, uma felicidade singular lutar contra um mundo em que força e estupidez estavam continuamente do mesmo lado: situação privilegiada para o espírito. O escritor estava do mesmo lado da história, tão feliz que ele a sentia como um coroamento, não como um excesso ao qual corria o risco de ser conduzido.

A segunda felicidade de Voltaire foi justamente a de esquecer a história, num tempo em que ela o conduzia. Para ser feliz, Voltaire suspendeu o tempo; se ele tem uma filosofia é a da imobilidade. Conhecemos seu pensamento: Deus criou o mundo como um geômetra, não como um pai. Isto quer dizer que ele não acompanha sua criação e que, uma vez acertado, o mundo não tem mais vínculos com Deus. Uma inteligência original estabeleceu de uma vez por todas um certo tipo de causalidade: nunca há efeitos sem causas, objetos sem finalidades, a relação entre uns e outros é imutável. Logo, a metafísica voltairiana é apenas uma introdução à física, e a Providência, uma mecânica. Pois sendo Deus tirado do mundo que ele criou (como o relojoeiro de seu relógio), nem Deus nem o homem podem mais mudar. Claro, o Bem e o Mal existem; mas pense na felicidade e na infelicidade, não na culpa ou na inocência; pois um e outro são só elementos de uma causalidade universal; eles têm uma necessidade, mas essa necessidade é mecânica e não moral: o Mal não pune, o Bem não recompensa: ambos não querem dizer que Deus está, que ele vigia, mas que ele esteve, que ele criou.

Então, se o homem ousa passar do Mal para o Bem por um movimento moral, é a ordem universal das causas e dos efeitos que ele desrespeita; ele só pode produzir com esse movimento uma desordem grotesca (é o que faz Memnon, no dia em que decide ser sábio). O que sabe então o homem sobre o Bem e o Mal? Não muita coisa: nessa engrenagem que é a criação, apenas há lugar para um jogo, isto é, o pouco espaço que o construtor de um aparelho deixa às peças para se movimentarem. Esse jogo é a Razão. Ele é caprichoso, o que quer dizer que ele não garante nenhuma direção da História: a Razão aparece, desaparece, sem nenhuma lei além do esforço totalmente pessoal de alguns espíritos: entre os fatos marcantes da História (invenções úteis, grandes obras) só existe uma relação de contiguidade, não de função. A oposição de Voltaire a toda inteligência do Tempo é muito viva. Para Voltaire não há História no sentido moderno da palavra, apenas cronologias. Voltaire escreveu livros de história para dizer expressamente que ele não acreditava na História: o século de Luís XIV não é um organismo, é um encontro de acasos, aqui Dragonadas, ali Racine. A natureza em si, claro, nunca é histórica: sendo essencialmente arte, isto é, artifício de Deus, ela não pode mudar ou ter mudado: as montanhas não foram carregadas pela água, Deus as criou de uma vez por todas para o uso dos animais, e os peixes fósseis – cuja descoberta animava muito o século – são apenas restos muito prosaicos de piqueniques de peregrinos: não há evolução.

A filosofia do Tempo será uma colaboração do século XIX (singularmente da Alemanha). Poderíamos acreditar que a lição relativista do passado é, ao menos em Voltaire, como em todo o século, substituída por aquela do espaço. À primeira vista é o que acontece: o século XVIII não é apenas uma grande época de viagens, época em que o capitalismo

moderno, então de preponderância inglesa, organiza definitivamente seu mercado mundial, da China à América do Sul; é, sobretudo, o século em que a viagem chega à literatura e traz uma filosofia. Conhecemos o papel dos jesuítas no nascimento do exotismo através de suas *Cartas edificantes e curiosas*. Desde o início do século, esses materiais se transformaram e chegaram a uma verdadeira tipologia do homem exótico: tem o Sábio egípcio, o Árabe maometano, o Turco, o Chinês, o Siamês, e o mais prestigioso de todos, o Persa. Todos esses orientais são mestres de filosofia; mas antes de dizer qual, é preciso observar que no momento em que Voltaire começa a escrever seus Contos, que muito devem ao folclore oriental, o século já havia elaborado uma verdadeira retórica do exotismo, um tipo de digest cujas figuras são tão bem formadas e tão conhecidas que pode-se apesar disso esgotá-las rapidamente, como numa reserva algébrica, sem precisar mais de descrições e surpresas; Voltaire não escapa a isso, pois ele nunca se preocupou em ser “original” (noção, aliás, moderna); o oriental não é para ele, como para nenhum de seus contemporâneos, o objeto, o termo de um verdadeiro olhar; é simplesmente um número usual, um signo cômodo de comunicação.

O resultado dessa conceitualização é que a viagem voltairiana não tem nenhuma profundidade; o espaço que Voltaire percorre numa marcha tresloucada (pois não se faz nada além de viajar em seus Contos) não é um espaço de explorador, é um espaço de agrimensor, e o que Voltaire empresta à humanidade alogênica de Chineses e de Persas é um novo limite, não uma nova substância; com novas moradas atribuídas à essência humana, ela prospera, do Sena ao Ganges, e os romances de Voltaire são menos investigações do que as voltas de um proprietário, que se orienta sem muita ordem, porque se trata sempre do mesmo círculo que se interrompe caprichosamente por incessantes paradas em que se discute, não o que se vê, mas o que se é. É o que explica que a viagem voltairiana não seja nem realista, nem barroca (a veia picaresca das primeiras narrativas do século foram completamente enxugadas); ela não é nem mesmo uma operação de conhecimento, mas somente de afirmação; ela é o elemento de uma lógica, o número de uma equação; esses países do Oriente, que hoje têm grande importância, uma individuação tão pronunciada na política mundial, são para Voltaire espécies de lacunas, de signos móveis sem conteúdo próprio, graus zeros de humanidade, cuja apreensão serve para significar a si mesmo.

Pois tal é o paradoxo da viagem voltairiana: manifestar uma imobilidade. Existem outros meios, outras leis, outras morais além das nossas, e é isso que a viagem ensina; mas essa diversidade faz parte da essência humana e encontra em consequência rapidamente seu ponto de equilíbrio; basta reconhecê-la para então deixá-la: o homem (isto é, o homem ocidental) se multiplica um pouco, a filosofia europeia se desdobra em sábio chinês, em Furão ingênuo, e o homem universal será criado. Crescer para se afirmar, não para se transformar, esse é o sentido da viagem voltairiana.

Essa foi sem dúvida, a segunda felicidade de Voltaire, poder se apoiar em uma imobilidade do mundo. A burguesia estava tão próxima do poder que ela podia começar a não acreditar na História. Ela podia também começar a recusar todo sistema, suspeitar

de toda filosofia organizada, ou seja, impor seu próprio pensamento, seu próprio bom senso como uma Natureza à qual toda doutrina, todo sistema intelectual ofenderia. O que fez Voltaire com brilho, e foi sua terceira felicidade: ele desassociou incessantemente inteligência de intelectualidade, afirmando que o mundo é ordem se não procurarmos abusivamente ordená-lo, que ele é sistema com a condição de renunciarmos a sistematizá-lo: eis uma conduta de espírito que teve uma grande fortuna em seguida: o que chamamos de anti-intelectualismo.

Fato notável, todos os inimigos de Voltaire puderam ser *nomeados*, ou seja, mantinham seu ser em segurança: jesuítas, jansenistas, socinianos, protestantes, ateus, todos inimigos entre si, mas reunidos sob os golpes de Voltaire por sua aptidão em serem definidos em uma palavra. Em vez disso, Voltaire escapa no quesito sistema nominativo. Quanto à sua doutrina, ele era deísta? leibniziano? racionalista? A cada vez, sim e não. Existe outro sistema além da raiva do sistema (e sabe-se que não existe nada mais rude que este sistema); seus inimigos seriam hoje doutrinários da História, da Ciência (vide sua ridicularização face à alta ciência em *O homem de quarenta escudos*), ou da Existência; marxistas, progressistas, existencialistas, intelectuais de esquerda, Voltaire os teria odiado, coberto de incessantes piadas, como ele fez em seu tempo com os jesuítas. Opondo continuamente inteligência e intelectualidade, servindo-se de uma para arruinar a outra, reduzindo os conflitos de ideias a um tipo de luta maniqueísta entre a Estupidez e a Inteligência, assimilando todo o sistema à Estupidez e toda liberdade de espírito à Inteligência, Voltaire fundou o liberalismo em sua contradição. Como sistema do não-sistema, o anti-intelectualismo escapa e ganha nos dois planos, joga uma eterna reviravolta entre a má fé e a boa consciência, o pessimismo de fundo e a alegria da forma, o ceticismo proclamado e a dúvida terrorista.

A festa voltairiana é constituída por esse incessante álibi. Voltaire morde e assopra ao mesmo tempo. O mundo é simples para quem termina todas as suas cartas com uma saudação cordial, com: *Esmaguemos o infame* (isto é, o dogmatismo). Sabemos que essa simplicidade e essa felicidade foram compradas ao preço da exclusão da História e de uma imobilização do mundo. Mesmo assim é uma felicidade, apesar de seu brilho triunfal sob o obscurantismo ter deixado muita gente a sua porta. Também, conforme a lenda, o anti-Voltaire é Rousseau. Afirmando com força a ideia de uma corrupção do homem pela sociedade, Rousseau recolocava a História em movimento, estabelecendo o princípio de um exílio constante da História. Mas por aí mesmo, ele dava à literatura um presente envenenado. Daqui em diante, sedento e tocado por uma responsabilidade que não poderá ser mais nem completamente honrada, nem completamente evitada, o intelectual vai se definir por sua má consciência: Voltaire foi um escritor feliz, mas foi sem dúvida o último.

